



NÃO PINTCHA

ORGAO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

A partir de amanhã

Presidente Luiz Cabral visita Angola e S. Tomé e Príncipe

O camarada Luiz Cabral, Secretário-Geral Adjunto do PAIGC e Presidente do Conselho de Estado inicia amanhã uma visita de trabalho de três dias à República Popular de Angola e à República Democrática de S. Tomé e Príncipe.



Esta visita do camarada Presidente a dois países que recentemente se libertaram do jugo colonial tem como objectivo intensificar as relações de amizade e cooperação existentes há longos anos entre os nossos povos.

das conversações entre os chefes de Estados, nomeadamente problemas de interesse político, no âmbito da reactivação do espírito que sempre guiou a antiga CONCP (Confé- rência das Organizações

Nacionalistas das antigas Colónias Portuguesas).

Nessa sua viagem o camarada Presidente Luiz Cabral será, acompanhado pelos camaradas António Buscardini, Secretário-Geral do Commissaria-

do de Estado do Interior, Pedro da Silva (Baró), embaixador da Guiné-Bissau e de Cabo Verde na República Popular de Angola, e elementos da Casa Civil e Militar da Presidência.

Conselho de Comissários Formada a delegação à Comissão Mista Guiné-Bissau-Portugal

Presidida pelo camarada João Bernardo Vieira, Comissário Principal, e na presença do camarada presidente Luiz Cabral, teve lugar ontem, em Bissau, a primeira reunião do Conselho de Comissários de Estado deste ano.

Ao iniciar a reunião, o camarada Comissário Principal referiu-se à mensagem do Presidente do Conselho de Estado dirigida ao país por ocasião da passagem do ano, e apelou para a correcta aplicação das suas directrizes.

Foi também discutido o apoio que a Guiné-Bissau decidiu conceder à admissão da Associação Africana de Educação de Adultos na Organização da Unidade Africana, com o estatuto de observador. Recorde-se que, na sua anterior qualidade de Comissário de Estado da Educação Nacional, o

camarada Mário Cabral é um dos patronos dessa associação. Foi ainda decidida a composição da delegação guineense à reunião da Comissão Mista Guiné-Bissau-Portugal, que passará a ser dirigida pelo camarada Manuel Santos (Manecas), Comissário de Estado dos Transportes e Turismo.

Integram ainda a delegação elementos dos Comissariados dos Negócios Estrangeiros, Coordenação Económica e Plano, Finanças, Comércio, Indústria e Artesanato, Transportes, Correios e Telecomunicações, Desenvolvimento Rural, Educação Nacional, Saúde e Assuntos Sociais, Informação e Cultura, e do Banco Nacional, da Secretaria de Estado das Pescas e da Direcção-Geral da Cooperação Internacional.

Senegal, 2 — Guiné-Bissau, 0 As duas equipas nas meias finais

A selecção do Senegal classificou-se em primeiro lugar na série B, ao derrotar ontem à noite, a selecção da Guiné-Bissau, por duas bolas a zero. Ambos os golos foram obtidos na primeira parte, primeiro por Boutchou e, logo a seguir, por Tcherino. Mesmo com esta derrota, a nossa formação nacional irá às meias finais, onde defrontará o primeiro classificado da série A. O Senegal defrontará, por seu turno, o segundo classificado desta série.

o melhor sector em campo.

Na série A, o Horóia da Guiné-Conakry irá disputar o segundo lugar com a selecção da Gâmbia, hoje à tarde, no Estádio Lino Correia. A turma do Mali que já se classificou

nesta série para as meias finais a ter lugar depois de amanhã, defronta hoje à noite, a equipa nacional da Mauritânia. Os finalistas apurados defrontar-se-ão no domingo, para esta primeira edição da «Taça Amílcar Cabral».

Cambodja: Antigos dirigentes refugiam-se na Tailândia

BANGUECOQUE, 10 — O antigo vice-Primeiro Ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros cambojano, Ieng Sary, teria pedido ontem por carta ao governo tailandês para lhe autorizar a atravessar, juntamente com ex-presidente Khieu Samphan, a Tailândia para se dirigir à China, informaram fontes

oficiais na capital tailandesa.

Fontes próximas do ministério dos Negócios Estrangeiros precisaram que se trata da primeira comunicação recebida da partida dos antigos dirigentes do Kampuchea Democrático desde a queda de Phnom Penh no domingo.

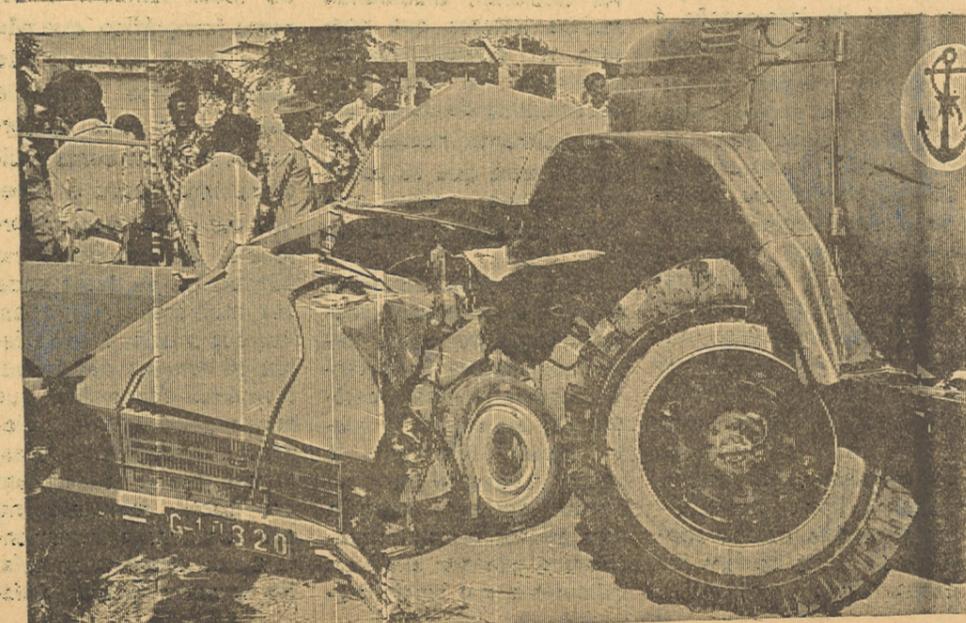
A carta de Ieng Sary foi transmitida ao oficial de ligação tailandês encarregado dos assuntos cambojanos por três responsáveis dos ministérios dos Negócios Estrangeiros do regime deposto, na cidade fronteiriça de Aranyaprathet. A carta não se referiu ao ex-Primeiro Ministro Pol Pot, cujo paradeiro se ignora: segundo o príncipe Sihanouk, fugiu para a selva, para continuar a guerra contra as novas autoridades, e segundo outras informações não confirmadas, o dirigente Kemerteria morrido durante a queda de Phnom Penh.

Entretanto, na capital cambojana, que continua vazia dos seus habitantes, o primeiro acto do governo de Heng Sarim, antigo chefe da quarta divisão cambojana que se revoltou em Maio contra o regime de Pol Pot, foi advertir as Nações Unidas contra toda a intervenção nos assuntos internos do Camboja, no momento em que o príncipe deposto, se prepara para apresentar na ONU.



Ex-Primeiro-Ministro Pol Pot Sihanouk, como embaixador extraordinário do regime deposto. O Conselho Revolucionário Popular, chefiado por Heng Sarim, informou que as pessoas teriam a liberdade de voltar às cidades e vilas quando a situação geral e todo o país o permitir. Comissões locais eleitas serão responsáveis por todos os aspectos de administração, política externa da FUSP (Frente Unida de Salvação Nacional do Camboja), divulgada em fins de Dezembro prometia «restaurar os laços de amizade e solidariedade tradicionais do Camboja com o Vietnã e relações amigáveis com o Laos, Tailândia e outros países do sueste asiático».

O novo governo de Phnom Penh prometeu também efetuar eleições gerais e redigir uma nova constituição socialista. (FP)



Um morto e dois feridos é o resultado deste aparatoso acidente que envolveu três viaturas na estrada do aeroporto, ontem de manhã. (Ver página 2).

Uma forma de mal-servir

Camarada Director:

Venho por intermédio desta missiva expôr ao camarada certos casos lamentáveis que se têm desenrolado aqui em Pirada, numa loja pertencente à empresa Socomi.

Sou trabalhador da Função Pública e estou colocado neste sector. Um dia, desloquei-me a essa loja para comprar 50 kgs de arroz. O empregado da mesma respondeu-me, de «caras», que tem arroz mas não o vende, porque o arroz deve ser aumentado para 20,00 pesos o quilo no fim do ano. Pergunto: eu, como trabalhador da função pública, com uma família à minha responsabilidade, se não conseguir géneros alimentícios no nosso comércio, onde é que os irei comprar?

Uma vez, na minha preensão, um certo grupo de jovens, queria deslocar-se numa excursão para Gabú ao fim de irem assistir a um desafio de futebol entre o Benfica e o Desportivo de Gabú. Foram ao mesmo empregado, no sentido de adquirir combustível, o que lhes foi negado com o argumento de falta de combustível. Os jovens não puderam ir, quando na verdade combustível havia, e em grande quantidade. Passados alguns dias, um «condutor» proveniente do Senegal deslocou-se à referida loja, para comprar combustível o «empregado» disse-lhe: se tens Francos CFA, vendo-te. Se tens pesos, vendo-te mas não à quantia que desejas. Pergunto: a mercadoria que vem agora para o nosso comércio é para vender em troca de moeda estrangeira? Será assim que o tal empregado quer o progresso da nossa terra?

Camarada Director, exponho este caso para que os órgãos competentes do nosso Estado tomem as medidas necessárias. As estruturas do nosso glorioso Partido (PAIGC) devem estar vigilantes com as pessoas que agem abusivamente contra o nosso Povo na Guiné e em Cabo Verde.

BOA-VISTA

Cooperante português morto num acidente de viação

O técnico português, José Marquês, cooperante do Commissariado de Estado de Comércio, Indústria e Artesanato, faleceu ontem de manhã num trágico acidente de viação que envolveu três viaturas, na estrada do aeroporto, junto da Escola Técnica, em Brá. José Marquês teve morte imediata, e o filho, de 17 anos de idade, que com ele viajava no banco da frente dum «citroen-FAF»,

partiu uma perna, tendo ficado ligeiramente ferido e queixando-se de dores nas costas, o terceiro viajante, camarada Augusto Trigo, director do Artesanato, que vinha no banco de trás.

José Marquês, vinha do aeroporto onde fora receber o Comissário Armando Ramos, proveniente de Cabo Verde, no momento em que um Jeep militar, vindo em sentido contrário, abandonou a mar-

cha com sinal para a esquerda, (possivelmente para as instalações da Escola Técnica) a fim de deixar passar o «citroen», apareceu bruscamente por trás, e com excesso de velocidade, um pesado «Gil» da Marinha de Guerra tentando ultrapassar o «Jeep».

O motorista do Jeep previu o perigo, e tentou, num arranque brusco, afastar-se para a direita, pelo que ficou ligeiramen-

te amolgado por trás. Foi nessa altura que o «Gil» se desviou para o meio da estrada indo embater violentamente contra o pequeno veículo de José Marquês projectando-o para longe da estrada.

A vítima, cuja morte provocou profunda consternação em Bissau, foi imediatamente conduzido para o Hospital Simão Mendes, onde o filho foi submetido a tratamento, ficando internado.

Técnicos de veterinária estagiam em Portugal

Seis técnicos dos serviços de Veterinária vão estagiar em Portugal no ramo da patologia animal, durante seis meses. Cinco deles, partiram ontem para Lisboa, devendo o director da Veterinária, dr. Mandinga embarcar amanhã.

Este estágio vai permitir à Veterinária dispôr de quadros técnicos nacio-

nais que assegurarão o funcionamento do laboratório de Patologia Animal, ainda em construção em Bissau. O laboratório vai ser montado com a ajuda da USAID (organismo de financiamento dos Estados Unidos) e do Brasil

e destina-se à produção de vacinas. Após o estágio, deverão vir alguns técnicos portugueses ajudar o enquadramento dos nossos camaradas no trabalho do laboratório e na programação da produção.

Julgamento em tribunal superior militar

Decorre desde segunda-feira passada em Bissau, em Tribunal Superior Militar, o julgamento de 30 elementos que tinham sido detidos em Abril de 1977, acusados de lançamento de panfletos e de actividades con-

(Continua na pag. 8)

Armando Ramos regressou de Cabo Verde

Após ter participado, na cidade da Praia, na reunião dos responsáveis do comércio e dos transportes da Guiné-Bissau e Cabo Verde, regressou ontem a Bissau o camarada Armando Ramos, membro do CSL do Partido e Comissário de Estado do Comércio, Indústria e Artesanato.

Esta reunião que teve início no dia 4, prou-

gando-se até o dia 5 deste mês, tinha como objectivo incrementar as trocas comerciais e dinamizar as comunicações marítimas e aéreas entre os dois países.

Depois da reunião, o camarada Armando Ramos teve contactos com vários dirigentes caboverdianos ligados nomeadamente à Indústria e ao Artesanato.

Popularização das resoluções do III Congresso

Prosseguem na nossa capital, os seminários de base para a popularização das resoluções do III Congresso que tiveram o seu início desde os fins de Novembro do ano findo.

No passado dia 9 do corrente, a partir das 18 horas e trinta minutos, foi abordado o tema «Unidade da Guiné e Cabo Verde» nas zonas dois e sete, ao mesmo tempo que era abordado nas zonas um e seis, o tema «As Organizações de Massas, e Relação Partido Organização de Massas».

O Comité do Partido do Sector Autónomo de Bissau apela aos membros dos Comités de bairros e de locais de trabalho, a comparecerem às horas marcadas, de modo a facilitarem o cumprimento do programa estabelecido.

Responde o povo

Que sugere para o melhoramento do nosso jornal?

Que sugere para o melhoramento do nosso jornal? Foi o tema que hoje abordamos na nossa habitual coluna de «Responde o Povo». Existem pessoas que têm sugestões até muito úteis para o melhoramento do «Nô Pintcha», mas que por uma razão ou outra, não as apresentam o que muito contribuiria para que o nosso jornal cumpra cabalmente a sua delicada e importante missão, a de informar para formar.

Saímos à rua, contactámos alguns leitores, que nos deram as suas sugestões:

Duko Castro Fernandes (funcionário da Educação) — «Quanto a mim, o que sugiro para o melhoramento do «Nô Pintcha», consta só de alguns pontos. Em primeiro lugar, penso que ele devia ter pelo menos, semanalmente, um editorial na primeira página, o qual viria a ser uma síntese de todas as informações fornecidas

ao leitor. Nessa síntese, deveria estar explicitada a posição do nosso Partido e Estado, em relação aos assuntos mais em foco no plano internacional. Além disso, penso também que seria muito importante o «N.P.» tirar certos artigos de carácter formativo noutros jornais e publicá-los no nosso jornal, artigos esses que ao

lê-los possam contribuir para a formação dos nossos leitores, uma vez que o papel da informação é de informar para formar.

Sugiro também a criação de uma página cultural, que saísse pelo menos mensalmente, falando-nos da cultura nacional. Nessa página deveria estar inserida trabalhos no campo da música, referindo-se aos nossos conjuntos musicais, trabalhos teatrais, artes plásticas, danças e até trajes usados pelo nosso povo.

Quanto à participação dos leitores, acho-a muito fraca; o jornal devia arranjar vários colaboradores, aos quais deviam ser dados temas variados co-

mo a Educação, Economia, Política, etc., a nível nacional, elucidando muitos leitores que possam ter dúvidas nesses domínios. Há toda uma necessidade de se ter um conhecimento nesses assuntos para que se possa compreender certas medidas que são tomadas.

José de Pina, 19 anos, estudante — «Para o melhoramento do nosso jornal, dou muita importância a parte técnica e estética que apresenta. O nosso jornal (felizmente é pouco frequente no momento actual) aparecia com muitos erros tipográficos, o que por sua vez, dificulta a sua total com-

preensão por parte dos leitores. Não quero deixar de focar também o aspecto fotográfico, que não sei a que é devido o não aparecer uma fotografia sequer bem feita no jornal. A imagem conta muito na informação e devê-lhe ser dado essa importância, esforçando-se no sentido de se fazer cada vez melhores fotografias. Por outro lado, o «NP» falou há tempos de um suplemento desportivo, que nunca chegou a sair, alegando razões técnicas. Penso que o jornal tem um papel relevante no que concerne à incrementação do desporto no país. Há também grupos artís-

ticos no país mas é muito raro o jornal dedicar-lhes uma das suas páginas, o que seria muito bom, porque dar-nos-ia a entender os esforços consentidos por eles no nobre caminho da valorização da nossa cultura, outrora minimizada pelo colonialismo».

Edna Pereira, funcionária do Departamento de Alfabetização — «O que eu sugiro para o melhoramento do «NP», é que ele devia abordar temas que nos elucidem mais sobre as nossas realidades. Infelizmente, temos um grande mal que herdámos do colonialismo e pode ser combatido ferozmente pelo jornal, que é o senhor «cunha».

Embaixadores do Senegal, Libéria e RDA apresentaram credenciais

Os embaixadores da República do Senegal, S. Ex.^o Ben Mady Cissé, da Libéria, S. Ex.^o Gabriel G. Frangalo, e S. Ex.^o Gotthelf Schulze da RDA entregaram ao Presidente Aristídes Pereira, no dia 15 de Dezembro de 1978, os documentos que os acreditam junto do Governo caboverdiano como embaixadores extraordinários e plenipotenciários.

O embaixador senegalês, o primeiro diplomata desse país a residir em Cabo Verde, exprimiu a sua satisfação por se instalar no país irmão segundo ele, «no coração deste fascinante e martirizado arquipélago, que constitui a vossa pátria».

As estreitas e antigas relações culturais exist-

tentes entre os nossos dois países e os votos expressos pelo Presidente Senghor — aquando da visita do Ministro da Defesa, Silvino da Luz, a esse país — de que os caboverdianos imigrados no Senegal se sintam como se estivessem no seu país, foram recordados pelo segundo embaixador desse país em Cabo Verde. Afirmou, em seguida que, «a unificação de África passa pela interpenetração das heranças culturais que nos impuseram e que foram legadas pelo colonialismo».

Uma hora mais tarde, o embaixador da Libéria, Gabriel Frangalo, louvaria o povo caboverdiano pela sua grande vontade e coragem demonstradas no

combate aos opressores colonialistas, na luta de guerrilhas conduzidas pelo PAIGC. Acrescentou em seguida que, sob a orientação do Presidente Aristídes Pereira, o povo caboverdiano está a desenvolver os seus recursos naturais apesar dos obstáculos que a natureza nos impõe e afirmou que os objectivos e desejos de desenvolvimento nacional, prosperidade, unidade e solidariedade africanas são comuns entre os dois países.

Os dois embaixadores transmitiram ao Chefe de Estado Caboverdiano as mais cordiais saudações em nome dos seus Presidentes, respectivamente Leopold Senghor, do Senegal, e William R. Tol-

bert, da Libéria.

Entretanto, o novo embaixador extraordinário e plenipotenciário da República Democrática Alemã, S. Ex.^o Gotthelf Schulze entregou, no dia 11, ao Presidente Aristídes Pereira as cartas credenciais que o acreditam junto do Governo caboverdiano como representante máximo do seu país.

No seu discurso de entrega de credenciais, o Embaixador da RDA transmitiu ao Secretário-Geral do PAIGC e Presidente da República, camarada Aristídes Pereira, os votos de felicidade pessoal e saudações do Secretário-Geral do Comité Central do PSUA e Presidente do Conselho de Estado da RDA, Erich Honecker.

Achada S. Filipe: zona experimental de energias não convencionais

A utilização das energias não convencionais, como sejam a energia eólica (vento) e solar, para a instalação de bombagem de água potável para o abastecimento das populações e irrigação de terrenos, está na base das actividades dum centro de pesquisas previsto pelo nosso Governo logo após a independência.

Para já, o Ministério do Desenvolvimento Rural vem instalando na zona da Achada de S. Filipe algumas bombas eólicas para resolver o problema de abastecimento da população dessa localidade. Durante uma curta visita que efectuámos a essa zona, pudemos constatar que uma das bombas instaladas e a funcionar em regime experimental, vem, em certa medida, aliviar a população do problema, atendendo a

que era necessário percorrer grandes distâncias para obter alguns litros de água potável. Brevemente irá entrar em funcionamento mais uma bomba eólica, na Granja de S. Filipe, destinada a abastecer de água potável o aviário em construção nesse centro de recuperação de jovens e, possivelmente, para a irrigação de algumas parcelas de terreno.

Mas não é só na ilha de Santiago que se tem desenvolvido esta actividade. Algumas bombas foram já instaladas nas ilhas do Maio e S. Nicolau tendo os resultados correspondido, até agora, às esperanças dos técnicos encarregados dessa tarefa.

A aplicação desse tipo de energia inesgotável, não poluidora, parece ser, de momento, uma das melhores fontes a que te-

remos de nos socorrer para resolvermos os vários problemas que os planos do desenvolvimento económico do país vão levantar. Por outro lado, os materiais necessários para a instalação de bombas eólicas não custam muito caros e inclusivamente, alguns deles poderão ser fabricados em Cabo Verde.

No que respeita à energia solar, sobre a qual apresentamos no nosso último número um artigo extraído do boletim informativo do MDR, começou

já a ser instalada, também na zona da Achada de S. Filipe, uma bomba solar fabricada pela empresa francesa SOFRETES, que irá também equipar um furo destinado ao abastecimento da população daquela localidade.

Naturalmente que esta instalação piloto irá servir como elemento de estudo e permitirá estudar a utilização desse tipo de energia, para a qual o nosso país reúne condições bastante favoráveis, num plano de maior envergadura.

Das ilhas

Maio: Frentes de trabalho reabrem este ano

As frentes de trabalho em algumas ilhas vão ser reabertas este ano, devido ao facto de o ano agrícola estar irremediavelmente perdido, principalmente a cultura do milho que é a base da maior parte da alimentação em Cabo Verde e que o ano passado, foi ainda a grande esperança dos agricultores. Das grandes chuvas caídas em fins de Agosto do ano passado só se aproveitou o pasto para o gado, estando as outras culturas completamente secas — segundo informações colhidas em contactos tidos com os responsáveis do Governo nas ilhas do Ma-

io, Brava, Fogo e Santo Antão.

A produção agrícola é nula, havendo somente algum pasto nas zonas altas, que foram contempladas com borrifos caídos na ilha nos meses de Outubro e Novembro do ano transacto, e que escaparam ao ataque desencadeado pelas pragas de gafanhotos. A campanha de plantação de árvores iniciada na altura do apelo feito pelo Primeiro-Ministro, comandante Pedro Pires, foi completada em Novembro com a plantação de mais três mil árvores, estando em franco desenvolvimento as doze mil já plantadas na altura das primeiras chuvas.



AMILCAR CABRAL

A prática revolucionária

VII. O OITAVO ANO DA LUTA ARMADA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL (*)

INTRODUÇÃO

Os colonialistas portugueses têm consciência disso. Sabem que, se a ajuda necessária e adequada não nos faltar, podem ser corridos da nossa terra dentro de pouco tempo. Fazem esforços desesperados — tanto no plano internacional como no interior do nosso país — para o evitar, pois uma possível derrota na nossa terra seria o fim da dominação portuguesa em África. Mas a situação a que fazem face e os êxitos que alcançámos em 1970 não lhes permitem alimentar muitas ilusões.

1. AS MANOBRAS POLÍTICAS

DOS COLONIALISTAS PORTUGUESES

A GUERRA PSICO-SOCIAL

Depois de terem sido forçados a reconhecer, pela voz dos seus chefes principais, que não podem fazer parar a nossa luta nem ganhar a sua suja guerra colonial contra o nosso povo e a África, os criminosos colonialistas portugueses adoptaram novas tácticas para tentar destruir o nosso Partido. Começaram a empregar os métodos mais desprezíveis, os mais vis, no âmbito de uma política que deixa ver claramente, cada dia mais que os colonialistas portugueses são verdadeiros «gangsters» ou bandidos sem menor escrúpulo, capazes de cometer os crimes mais bárbaros e de utilizar as mentiras mais desavergonhadas.

Tendo fracassado na tentativa de criar confusão na nossa luta, vendendo, pelo preço da traição, a liberdade condicionada a um certo número de compatriotas presos, os colonialistas portugueses recorreram a outros meios. Inventaram mentiras a respeito de divisões no seio do Partido; escreveram cartas a alguns dirigentes, prometendo-lhes dinheiro em quantidade, boa vida e honras; tentaram explorar o oportunismo, a ambição e os baixos sentimentos, convencidos de que os militantes e dirigentes do nosso Partido são como os que os servem. Mas enganaram-se. As suas tentativas não tiveram por resposta mais do que o desprezo e a repulsa por parte dos nossos camaradas. E a acção criminosa do inimigo contribuiu para reforçar a unidade e a vigilância no seio do nosso Partido e da sua direcção nacional.

Vendo que é impossível dividir a direcção do nosso Partido ou levar alguns dos seus dirigentes a trair, os colonialistas portugueses decidiram mobilizar os oportunistas que vivem no exterior, para que estes tentem levar à traição alguns responsáveis da nossa luta armada. Gastaram muito dinheiro mas fracassaram de novo. Dando provas, uma vez mais, da sua consciência política elevada, de verdadeiros militantes do nosso Partido, os responsáveis contactados prenderam os oportunistas e os traidores, que foram julgados e condenados com justiça.

Santo Antão

Electrificação da Vila do Porto Novo

No dia 9 do mês de Dezembro último deu-se início, na ilha de Santo Antão, à electrificação da vila do Porto Novo, com o começo dos trabalhos de montagem da rede eléctrica que irá fornecer energia para consumo doméstico e para futuras unidades produtivas, cuja instalação se projecta para a sede desse concelho. Os trabalhos de monta-

gem da rede eléctrica, assim como a construção da central estão a cargo do Secretariado Administrativo do concelho, que para tal dispõe da verba no orçamento municipal.

Entretanto, está em fase avançada a limpeza das estradas da ilha, que sofreram danos com as chuvas caídas nos finais de Novembro do ano passado.

Camarada Presidente Luiz Cabral à revista "Le Courier" (concedida) "Uma das maiores ambições do nosso governo é chegar à autosuficiência alimentar"

Concluimos neste número a entrevista concedida pelo camarada Presidente Luiz Cabral, à revista «Le Courier» dos países da CEE/ACP. Nesta segunda e última parte da entrevista, o camarada Luiz Cabral aborda a planificação económica, a autosuficiência alimentar, o equilíbrio da balança de pagamentos, a ajuda europeia e por fim a nova convenção de Lomé.

P. — No seu país, não há ainda um plano económico. Queria perguntar-lhe porquê e se pensam, num futuro próximo, estabelecer esse plano, que talvez permitisse definir melhor os vossos objectivos e também incorporar melhor as ajudas estrangeiras nas realizações para o desenvolvimento do seu país?

— É certo, mas é também preciso ver as condições em que nós encontramos o país: em primeiro lugar, houve 12 anos de guerra. Depois, quando obtivemos a libertação do país, não encontramos absolutamente nada do ponto de vista dos «dados estatísticos» e outros. Para planificar, é preciso conhecer o país, é preciso conhecer todos os dados necessários ao planificador. Portanto, durante estes anos, o problema que se nos punha era criar as condições para que o plano fosse estabelecido quando chegasse a altura. Queremos uma economia planificada e vamos lá chegar. Mas também não era possível ficar de braços cruzados até ao dia em que tivéssemos o plano. Durante estes três anos, tentámos aproveitar todas as oportunidades para dar passos, ainda que modestos, algumas vezes mesmo indecisos à partida, para remediar a situação catastrófica herdada do colonialismo.

P. — Portanto, quando conquistaram a independência, encontraram-se perante uma situação extremamente precária: praticamente tudo estava por fazer em todos os domínios, e talvez esta seja mais uma originalidade do seu país. Senhor Presidente, há dois dias, fomos ao norte do país e tivemos oportunidade de assistir a uma reunião numa aldeia. Havia muita gente à volta de cerca de 20 delegados de outras aldeias. Estes acentuaram especialmente um ponto: problema dos recursos alimentares. Por isso, queria perguntar-lhe como se apresenta actualmente

o problema dos recursos alimentares no seu país, no que diz respeito particularmente aos produtos-base da alimentação, como o arroz, a mandioca, o milho, o óleo de palma e a farinha?

— Devo dizer-lhe que estamos seguros de que o país se pode tornar, num futuro próximo, autosuficiente do ponto de vista alimentar. Estamos seguros disse e posso dizer-lhe que, no momento em que terminou a guerra, em 1974, tínhamos um défice alimentar de cerca de 40 000 toneladas de cereais e que, em 1977, importámos unicamente 10 000 toneladas de cereais. Estes números mostram o progresso que conseguimos realizar em três anos. Mas também sabe que, no ano passado, tivemos uma seca excepcional no nosso país; ora, o povo não tem reservas e encontrou-se desprovido de tudo. Apelámos então para a comunidade internacional e podemos dizer que recebemos uma ajuda bastante substancial: houve vários países, entre os quais os países da própria Comunidade Económica Europeia, que nos ajudaram na alimentação das nossas populações. É entre o começo das chuvas e o momento da primeira colheita que se pode ter, em três meses, enormes dificuldades como o agora acontece. Temos cereais que devem chegar a qualquer momento e vamos fazer todos os esforços para que as populações possam ter alimentação nesta época do ano. Pensamos que esta falta de alimentação pode ser resolvida com o trabalho das nossas populações, se houver chuva. Portanto, o problema consiste em dar à nossa população os meios para ela poder trabalhar e para que, no próximo ano, não tenhamos os problemas que tivemos este ano e que consideramos verdadeiramente excepcionais.

DIVERSIFICAR A PRODUÇÃO ALIMENTAR

Mas posso dizer-lhe que uma das maiores ambições do nosso governo é chegar à autosuficiência alimentar das nossas populações. Isto é possível: pode produzir-se muito mais arroz por ano, entre nós. Estamos a tentar introduzir também o milho seleccionado e já temos sementes que foram utilizadas. Conseguimos agora diversificar bastante o trabalho da população, que anteriormente se dedicava à produção de um único produto: o amendoim. Agora, no sul, temos mesmo batatas, feijões, milho, arroz e também introduzimos a soja este ano, para as nossas primeiras experiências. Diversificar a agricultura permite melhorar as condições alimentares das nossas populações. É um meio de defesa porque, se as pessoas produzirem só arroz e se a chuva não for suficiente para esta cultura, elas ficam completamente condenadas; mas, se diversificarem a produção, mesmo que não chova abundantemente para um produto, a chuva pode ser suficiente para outro.

EQUILIBRAR A BALANÇA DE PAGAMENTOS

P. — O seu país tem um défice comercial bastante importante. Isto é facilmente explicável num país em vias de desenvolvimento, um pouco pelas razões que acaba de mencionar, quando há uma necessidade provisória de importação alimentar e também porque um país em vias de desenvolvimento tem necessidade de importar bens de equipamento, produtos energéticos, etc. Isto explica-se também pelo carácter ainda pouco desenvolvido das vossas exportações: há só o amendoim e um pouco de madeira. Pensa que, no futuro, este défice comercial possa ser progressivamente absorvido ou, pelo menos, limitado?

— Durante o primeiro ano da independência, em 1974, não tínhamos absolutamente nada para exportar. Em 1975, cobrimos unicamente oito por cento das nossas im-

portações. Em 1976, cobrimos entre 19 e 20 por cento e, em 1977, cobrimos mais de 50 por cento das nossas importações comerciais. Isto prova que a situação melhorou consideravelmente. É certo que tivemos a seca, no ano passado, mas devo dizer-lhe que estamos a fazer um esforço muito grande para, pelo menos, manter o mesmo nível de exportações do ano passado. Num futuro não muito distante, podemos equilibrar a nossa balança comercial, no dia em que conseguirmos explorar seriamente a madeira e exportá-la. Temos problemas, pois também é preciso plantar e não apenas cortar! Mas temos um programa e ainda podemos cortar durante alguns anos sem prejudicar o equilíbrio das nossas florestas.

Também temos a pesca. Temos riquezas consideráveis nos nossos mares e, até agora, não tirámos grande partido disso; mas temos a esperança que, nos próximos anos, a pesca possa mesmo tornar-se mais importante do que o amendoim no quadro das nossas exportações. Com o amendoim e a palmeira, que começou a recuperar normalmente este ano, creio que poderemos chegar às 12 000 ou 15 000 toneladas de exportações, em 1978. Queremos compensar a baixa da produção de amendoim, através da exploração do coconote. Posso dizer-lhe que, antes da guerra, exportávamos muito coconote, mas, com a guerra este produto baixou imenso. Em primeiro lugar porque, do nosso lado, não podíamos exportá-lo. Portanto, as populações perderam o hábito desta cultura e, do lado dos portugueses, as pessoas não queriam ir para o mato apanhar coconote, o que fez com que, durante todo um período de 12 a 15 anos, as populações tenham perdido o hábito de apanhar coconote: os jovens que têm actualmente 25 anos nunca o fizeram. Mas isto pode recomeçar normalmente também com a aquisição de britadeiras. Portanto, com o amendoim, o coconote, a pesca e a madeira, creio que é possível satisfazer as nossas necessidades de

importações nos próximos anos..

Há igualmente as riquezas que ainda não são exploradas, como a bauxite que já constitui uma certeza. O nosso país é um país viável e nós vamos fazer tudo para que seja um país equilibrado, que viva com os seus próprios meios mas que também procure a contribuição estrangeira, atento a título de donativos como de empréstimos para desenvolver a sua economia.

P. — No programa indicativo do FED, está prevista a concessão de 20 milhões de unidades-conta para a Guiné-Bissau. Qual o seu julgamento global sobre a ajuda europeia ao vosso país?

— A ajuda europeia constitui um dos contributos mais válidos para o nosso esforço de desenvolvimento durante estes primeiros anos da nossa independência. As negociações dos países ACP com a Comunidade Europeia tinham começado no momento em que ascendemos à independência e decidimos imediatamente participar nelas. Portanto, fomos um dos signatários da Convenção de Lomé e, presentemente, depois de três anos, a nossa experiência prova que fizemos bem: para nós, a cooperação com a Comunidade foi essencialmente um

contributo desta para o nosso desenvolvimento. A ajuda da Comunidade situa-se entre as mais importantes que recebemos actualmente. Também contamos também com a ajuda, no quadro bilateral, com os Estados Unidos da Comunidade Económica Europeia.

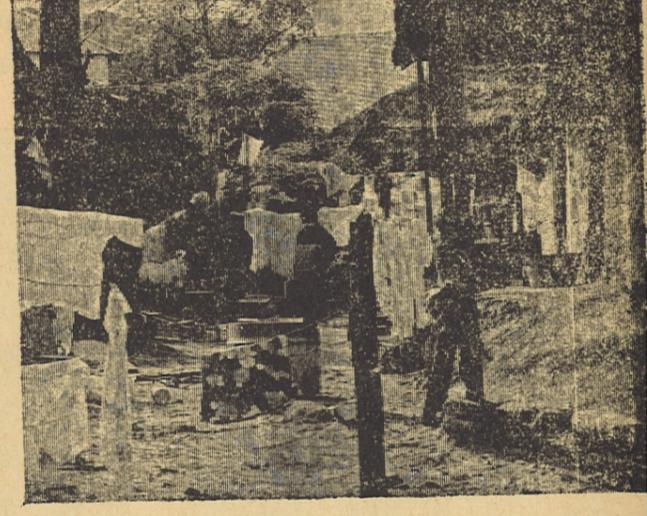
Aquilo que desejamos é reforçar esta cooperação através da criação de relações económicas válidas também para a Comunidade Económica Europeia. Esta é uma ocupação que nós temos tanto mais que o camarada Amílcar Cabral sempre disse: «quanto faz somente para unir a cooperação, a caridade e a caridade nunca fez a felicidade ninguém». É por isto que o nosso objectivo é, em, nos próximos anos, poderemos encontrar todos de cooperação com a Comunidade Europeia válidos para os dois lados. Estabelecemos contactos com alguns países no que diz respeito à bauxite, ao fosfato, à que do petróleo. Temos também mistas com França no domínio das pescas. Posso dizer que estamos reconhecendo a assistência que recebemos da Comunidade a qual aliás abrangem pontos-chave do país: infra-estruturas, transportes, agrícola, equipamento do país.



Dar à nossa população os meios indispensáveis para



O povo vive nos seus casebres improvisados, sem as mínimas condições de higiene e habitabilidade



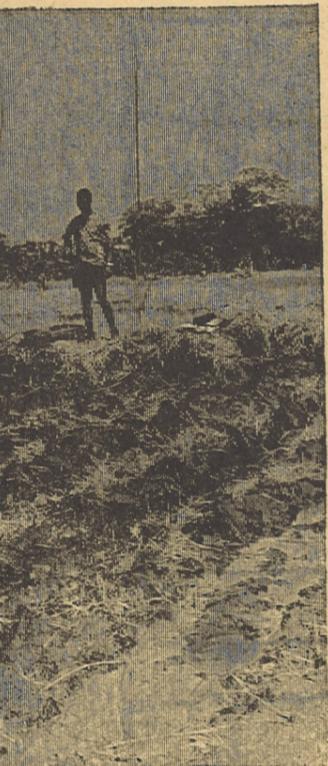
Melhorar o conjunto da situação habitacional do país

tanto, estamos convencidos da utilidade e da actualidade desta cooperação entre os países ACP e a Comunidade Europeia.

P. — Para além do montante do programa indicativo do FED, que evocou há pouco, a Guiné-Bissau recebeu, em 1976, cinco milhões de unidades-conta para a produção de amendoim e coconote. O que pensa desta instituição original da Convenção de Lomé.

— O julgamento de um país como o nosso no que diz respeito a um contributo tão concreto para os problemas da nossa balança de pagamentos é extremamente favorável. A originalidade da Convenção de Lomé, consiste na responsabilidade dos países desenvolvidos, membros da Comunidade Económica Europeia, perante a instabilidade das exportações dos países em vias de desenvolvimento como o nosso. Devo dizer que isto foi um contributo extremamente válido. Este ano, encontramos-nos numa situação mais desvantajosa porque quase não fomos abrangidos pelo Stabex. Mas, por outro lado, consideramos que somos privilegiados porque penso que um país não deve sempre desejar ser beneficiário do Stabex, mas precisamente desenvolver

(Continua na página 8)



desenvolver a agricultura

Projecto experimental de auto-construção orientada em Antula

O Commissariado das Obras Públicas, Construções e Urbanismo, de acordo com o Comité de Estado do Sector Autónomo de Bissau, e em conformidade com o seu plano de urbanização e descentralização da cidade de Bissau, vai iniciar, brevemente, a construção de um novo bairro residencial em Antula, baseando-se no método de auto-construção, mas de maneira orientada. A construção deste bairro num local que dista, aproximadamente, três quilómetros da área central da cidade, enquadra-se na nova política habitacional do país, em definição por aquele Commissariado. Este bairro poderá vir a servir de modelo para outros que serão construídos no futuro, tanto em Bissau como no interior do país, e também para o melhoramento e reconstrução de bairros já existentes na periferia da cidade.

O sistema de auto-construção tradicional baseia-se na maneira como o povo constrói as suas habitações utilizando os produtos que lhes são mais familiares — cada família que pretende construir a sua própria casa, solicita a mão-de-obra de parentes e amigos, e são utilizadas como matérias-primas, a terra reforçada com cimento, a palha protegida com um produto especial contra o fogo, a humidade, o ataque de bichos, e com uma boa espessura (20 a 30 centímetros) que lhe garanta um maior tempo de duração, aproximadamente 5 a 10 anos. Com a entrada em pleno funcionamento das fábricas de tijolos e telhas de Bandim e Bafatá, a cobertura dessas casas será gradualmente substituída por telhas, que nessa altura terão um preço mais acessível.

Chamou-se auto-construção orientada ao trabalho em causa no bairro de Antula, porque é o Estado que, através dos seus organismos competentes, vai dar apoio técnico, financiamento das infraestruturas — arranjo de estradas, abastecimento de água e, em devido tempo, de electricidade. O bairro terá uma ligação, pelos auto-carros da Silô Diata, com o centro da cidade.

O Estado não tem possibilidades de arcar com a construção e completo financiamento de grande número de casas, que é necessário neste momento, e tampouco as famílias que se interessam em possuir a sua própria casa dispõem de recursos financeiros suficientes para suportar todas as exigências de construção, pelo que esta é a única forma possível de promover as construções necessárias.

PEDIDOS DE TERRENO NO SECTOR AUTÓNOMO DE BISSAU

As famílias interessadas na construção da sua nova casa em Antula, devem dirigir um pedido de terreno ao Comité de Estado do Sector Autónomo de Bissau. Depois de aceites o pedido e estabelecido o regime de financiamento, as

famílias inscritas serão divididas em vários grupos, e organizadas num sistema de cooperativas, onde cada grupo de famílias trabalhará na construção das casas de famílias que dele fazem parte.

As famílias abrangidas pelo projecto de auto-construção de Antula devem ser organizadas em grupos autónomos, compostos de pessoas que trabalharão em regime de trabalho voluntário. Esses grupos devem ter estatutos aprovados por um órgão do Estado. Este sistema de trabalho em colectivo facilitará muito a obtenção de créditos necessários às construções. Nesta base, qualquer família à qual é concedida o terreno para a sua construção, fica automaticamente inscrita como membro do «Sistema de Auto-Construção Orientada», passando a gozar de todos os direitos e a cumprir os deveres comuns à comunidade a que pertence.

Todo o conjunto habitacional que constituirá o novo bairro será completado em duas fases de construção. Serão criadas todas as condições, de acordo com as necessidades básicas da população, no sentido de promover um progressivo bem-estar social.

O plano básico deste projecto de Antula é o de construir grupos de casas com cerca de 12 talhões cada grupo. Está prevista para cada grupo de casas uma pequena praça de utilização comum, com uma torneira no centro. Cada três ou quatro grupos terá um balneário e um lavadouro público. Na primeira fase, prevê-se a construção de 10 grupos de casas com os respectivos balneários e lavadouros, com rede de abastecimento de água potável, esgotos, ruas e estradas de ligação com o centro da cidade. Serão também construídos um posto sanitário, um centro de convívio, uma escola, residências para professores, a sede do comité local do Partido, um reservatório de água e instalado um gerador eléctrico.

Para a segunda fase de construções prevê-se o au-

mento do número de moradias, e serão criadas outras infra-estruturas para a satisfação das necessidades da população do bairro. Mais concretamente, essas obras serão: parque infantil, feira, café-restaurant, lojas de um piso, moradias em banda contínua de um e dois pisos, e edifício de oito moradias com dois pisos, e outro com 20 moradias, além de um complexo desportivo. No final da segunda fase de construções, o número de moradias atingirá 270, com, aproximadamente, 2.500 habitantes.

HORTICULTURA E CRIAÇÃO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS

No projecto está prevista, para cada casa, a reserva de uma área suficiente para que cada família possa desenvolver a horticultura e a criação de animais domésticos, actividades estas, indispensáveis ao melhoramento das condições alimentares, e também para favorecer as actividades comerciais dos moradores.

Para preservação do meio ambiente, serão conservadas, na área das construções, algumas áreas verdes, entre as quais um mato de cajú. Por outro lado, o projecto obedecerá a um sistema de plantação de árvores de fruto e outras ao longo das ruas, e a criação de jardins junto das casas. Serão os próprios moradores a cuidar de todos os elementos materiais que integram o bairro, desde a limpeza das ruas, tratamento das áreas verdes e das plantações, limpeza dos balneários e fontes públicas, e garantia de uma boa apresentação do interior e exterior das casas.

Este projecto abrirá uma nova página na vida das populações dos centros urbanos do nosso país, no quadro da habitação e das infra-estruturas habitacionais. O projecto enquadra-se na nova política de urbanização a ser delineada pelo nosso Estado, com o objectivo de fazer face ao estado lamentável em que se encontram as nossas cidades e tabancas, onde as construções não obedeceram a qualquer plano de urbanização na época colonial. Nos bairros periféricos de Bissau, a situação é desoladora. As casas encontram-se entrelaçadas umas nas outras, não existem as infra-estruturas de base, e verifica-se a ausência quase total das condições mínimas de sanidade, necessárias à

vida normal de uma cidade.

SITUAÇÃO HABITACIONAL NO TEMPO COLONIAL

A filosofia de produção de habitações utilizadas pelo governo colonial no nosso país não visava servir o povo, mas apenas uma minoria de privilegiados das cidades, e, mesmo nestas condições, não havia um programa global que permitisse uma construção organizada no quadro de uma harmoniosa urbanização da cidade. Durante longos anos, Bissau e as outras cidades do país tiveram um crescimento particularmente lento. Não acompanharam, no mínimo, o rápido crescimento populacional, facto este que se verificou mais acentuadamente na década de 60.

O povo asfiziado continuava a subsistir nos seus casebres improvisados, sem as mínimas condições de higiene e habitabilidade. Com o desencadeamento da luta armada de libertação nacional contra o colonialismo português, as coisas começaram a complicar-se para a administração colonial.

Com o desenvolvimento da nossa luta de libertação, passou-se a verificar uma fuga em massa das populações das áreas então ocupadas para as zonas libertadas pelo nosso Partido. Em contrapartida, o Estado colonial, com a sua demagogia para impedir a propagação das ideias de libertação junto das populações onde a influência do nosso Partido ainda não se tinha implantado fortemente, começou a executar uma política de isolamento dessas populações em zonas controladas e vedadas com arame farpado. A situação de desespero a que os guerrilheiros conduziram o exército agressor, levou-o a perpetrar massacres e a generalizar as repressões contra populações inocentes e indefesas das zonas rurais e sub-urbanas.

Tal situação originou também que grande parte das populações das áreas ocupadas comessem a emigrar, à procura de lugares mais seguros. Bissau, o quartel-general do exército colonial, «Zona 0» de acção do nosso Partido, era, na verdade, o «refúgio ideal». Contudo, o governo colonial não criava condições para receber tanta gente, ape-

sar da política spinoísta «Guiné-melhor» movida ao seio de uma demagógica «ação nacional popular». Em Bissau e no interior, construíram-se alguns bairros isolados — bairros que mais pareciam fornalhas, sem o mínimo condições de vida.

O grosso da população xava-se, desordenadamente na periferia da cidade de Bissau. Cada família construía a sua casa de maneira rudimentar, sem as mínimas condições de sanidade. Essas zonas periféricas, que deram origem aos actuais bairros, devido à sua forte densidade populacional, estavam expostas a perigos de incêndios catastróficos, de doenças epidémicas, etc. Os pedidos de terreno para as construções eram aceites pela administração colonial, com o pretexto de que quando chegassem os planos de urbanização, as casas seriam deitadas abaixo, e quaisquer encargos para o governo. Mas, a verdade é que durante os últimos 15 anos de presença colonial no nosso país, não foram tomadas nenhuma medida urbanística.

Um povo inteiro na miséria, a carência de moradia em todos os centros urbanos do país, a falta de infra-estruturas habitacionais, falta de mínimas condições de higiene e habitabilidade em quase todas as casas e, de um modo geral, a fome e o sub-desenvolvimento, eis o panorama que os ditos «civilizadores» deixaram na nossa terra, a mais de cinco séculos de minação. Bissau, a capital com os seus altos contrastes é disto o retrato mais vivo.

O mal já estava feito. Agora cabe ao nosso Estado ombros à pesada e difícil tarefa de melhorar o conjunto da situação habitacional do país, especialmente dos bairros periféricos de Bissau aproveitando o máximo que se pode aproveitar, urbanizando e construindo aos poucos de acordo com as nossas possibilidades, criando as infra-estruturas (electrificação, rede de abastecimento de água, ruas, estradas, esgotos, etc.) indispensáveis ao desenvolvimento de uma sociedade. Tais são os objectivos deste projecto experimental de auto-construção a ser aplicado em Antula, onde o povo e o Governo juntarão as forças para atingirem o objectivo comum.

Mauritânia, 1 - Guiné, 4: resultado enganador



Diarra o n.º 9 do Mali, em luta com Lamone Owens da Gâmbia. Vê-se ao fundo, o pequeno-grande Niane (Gâmbia)

MARITÂNIA, 1 — GUINÉ, 4 RESULTADO ENGANADOR

A selecção da Mauritânia pode queixar-se de falta de sorte nos dois jogos que já realizou. Aconteceu primeiro contra a turma da Gâmbia, que submetida à pressão mauritaniana desde o primeiro quarto de hora até ao último minuto, acabou por ganhar injustamente a partida pela marca de 2-1, quando o resultado mais justo só poderia ser o da vitória da equipa mauritaniana.

Na partida de anteontem à noite, na qual defrontou o poderoso «team» do Horcia, representante guineense neste torneio, a equipa da Mauritânia voltou a perder injustamente e desta vez por um número bastante exagerado (4-1). Um resultado que está longe de condizer com o que se passou dentro do rectângulo durante os 90 minutos.

A actuação da selecção mauritaniana foi uma surpresa para todos aqueles que presenciaram a sua estreia neste torneio. Comandou as operações durante toda a primeira parte e apesar do equilíbrio imposto pela formação guineense na segunda parte, os homens da selecção mauritaniana conseguiram exibir ao longo dos 90 minutos um futebol que deles não se esperava. Lamine Salem marcou um golão que é dos que aparecem raríssimas vezes.

Diga-se que a vitória guineense se deveu por um lado, ao azar que acompanhou os mauritanianos (auto-golo de Lobezeles), fazendo 2-1 para a Guiné e por outro lado, aos «frangos» do guarda-redes N'Dão Mamadou, que entrou a substituir Faye Madethie, que saiu lesionado no lance do segundo golo guineense, tendo sido transportado para o hospital, seria, contudo, in-

justo menosprezar o trabalho desenvolvido pelos homens da turma vitoriosa.

Contamos apresentar um trabalho mais alargado sobre este jogo no suplemento desportivo que iremos publicar no sábado.

GÂMBIA, 0 — MALI, 1 NUM JOGO-TREINO

A selecção do Mali voltou a somar três pontos, agora frente à formação da Gâmbia, no seu segundo jogo, vencendo por uma bola a zero, o que lhe permitiu permanecer no comando da série A. A turma maliana tinha derrotado, a equipa da Guiné-Conakry, na noite de domingo passado, também por uma bola a zero.

Só quem não teve a oportunidade de apreciar, «in-loco» as duas actuações do Mali é que não colocará os dois adversários deste, Guiné e Gâmbia, em pé de igualdade, pelo facto do resultado

das derrotas ter sido as mesmas. O jogo entre Mali e Guiné foi muito rápido e reñido, do primeiro ao último minuto, enquanto que o encontro entre Mali e Gâmbia de anteontem a tarde, decorreu numa lentidão desconcertante. Melhor dizendo, parecia mais um jogo-treino, em que as duas equipas se preocupavam mais em melhorar os passes e em ensaiar este ou aquele sistema de ataque

A primeira parte terminou com o marcador em branco, vindo este a funcionar só aos 30 minutos do segundo tempo, a favor da selecção maliana, por intermédio de Ousmane Dialó, que tinha entrado minutos antes a substituir o atacante Ouatará. Os malianos, apesar da sua indiscutível superioridade perante os gambianos, e apesar do seu golo de vantagem, pareciam pouco interessados em melhorar este resultado, visto que a sua defensiva preferiu «treinar» o seu guarda-redes, com o intuito de queimar tempo.

O já conhecido jogador gambiano Biri, revelou a sua boa visão de jogo e um bom poder de remate, mas, nos dois jogos que já efectuou, esteve muito aquém daquele «Biri» que tivemos oportunidade de apreciar em 1975. É certo que já lá vão três anos, e a vida de uma estrela do

futebol sofre muitas transformações.

O jogo foi dirigido pelo senegalês Paulo Pereira, auxiliado por Ramiro Morgado e Mário Andrade, respectivamente, guineense e caboverdiano.

CABO VERDE ÚLTIMO DA SÉRIE B

Após o jogo da passada segunda-feira, a equipa nacional de Cabo Verde classificou-se em último lugar da série B, por ter sofrido mais uma derrota, desta feita frente a sua homóloga do Senegal.

A formação senegalesa que pela primeira vez, após dois anos de ausência, regressou às competições internacionais, venceu por uma bola a zero, reencenando assim, com o pe direito, nestas andanças. Durante toda a partida o seu ataque desenvolveu-se principalmente, pelo extremo esquerdo, onde Gorgui, seguido por seus colegas, dava dores de cabeça à defensiva caboverdiana.

Por outro lado, os defesas senegaleses punham os avançados contrários em posição de fora de jogo, sempre que estes partiam para o ataque.

O trabalho produzido pela formação do país irmão neste encontro foi bastante diferente daquele que vimos anteriormente, isto, devido — supomos — às alterações que

o técnico Mota Gomes fez tanto na estrutura da equipa como na posição de certos jogadores, como é o caso da mudança do defesa Dany, que apanhou, a meio direito. Neste jogo, o técnico caboverdiano utilizou jogadores que estavam em más condições de saúde e, conseqüentemente, estavam aquém das suas possibilidades, como é o caso do capitão Lúcio, que no jogo anterior foi a nota relevante da equipa, mas neste encontro esteve perdido no rectângulo do jogo.

O que valeu à equipa caboverdiana foi a sua defensiva, que estava bem escalonada no terreno, com os centrais a dobrarem muito bem e a integrarem-se no ataque, de vez em quando. O ataque conheceu uma progressiva ascensão na segunda metade, e, nos minutos finais os jogadores viram, com angústia, a bola que se encaminhava para a baliza deserta a ser desviada por um defensor contrário.

Não se verificou nenhuma substituição na equipa senegalesa. O técnico prometeu remodelar a equipa com outros jogadores no encontro com a Guiné-Bissau. Dois cartões amarelos foram apresentados pelo árbitro mauritaniano, sendo um para cada lado. Chita marcou o único golo, aos 32 minutos do encontro.

11.ª Reunião dos ministros da "Zona 5" do CSDA

KIGALI, 8 — Iniciou-se no domingo passado, em Kigali, a 11.ª Conferência dos Ministros da Juventude e Desportos dos países da zona do desenvolvimento desportivo n.º 5 do Conselho Superior do Desporto em África (CSDA).

O Presidente da Zona, o ministro gabonês da Educação

Nacional, da Juventude, Desportos e Recreações, Jean Boniface Assie, lançou um apelo em favor de uma nova estratégia e de uma acção «que se debruce» sobre programas operacionais conforme as nossas aspirações e preocupações, traduzindo no terreno as recomendações e as resoluções que adoptamos nas nossas reuniões».

Por seu turno, o Ministro meon Nteziyayo, propôs que sejam organizados estágios Rwandês da Juventude, Si- para os quadros da Juventude e Desportos pelos países que dispõem de infra-estruturas apropriadas.

Participam nesta Conferência os Ministros da Juventude e dos Desportos de Angola, do Congo, dos Camarões, do Gabão, do Burundi e do Rwanda. — (AFP)

Resoluções da 4.ª Conferência dos ministros da "Zona 2" (1)

Como já tivemos oportunidade de informar no nosso jornal, decorreu em Bissau, de 5 a 6 do corrente mês de Janeiro, a 4.ª Conferência dos Ministros da Zona de Desenvolvimento Desportivo n.º 2 do Conselho Superior do Desporto em África. Tomaram parte nos trabalhos, que decorreram no salão de reuniões do Comissariado Principal, as delegações de todos os países que actualmente constituem a «Zona 2», Cabo Verde, Gâmbia, Guiné-Conakry, Guiné-Bissau, Mali, Mauritânia e Senegal. Nesta Conferência, que foi precedida por várias reuniões de responsáveis desportivos da Zona, foram discutidas e aprovadas diversas propostas e programas, e delineados novos objectivos com vista a promover um desenvolvimento cada vez mais harmonioso do desporto na parte mais ocidental da África.

Recordamos que a abertura da conferência foi presidida pelo camarada João Bernardo Vieira, Comissário Principal do Conselho dos Comissários de Estado, que usou da palavra. O discurso de abertura foi pronunciado pelo camarada Carlos Correia, Comissário de Estado das Finanças e Presidente do CSD, seguindo-se uma longa intervenção do Secretário-Geral da Juventude e dos Desportos de Senegal, François Bob, na qualidade de Presidente da «Zona 2». Os trabalhos prosseguiram sob a presidência de François Bob, tendo sido aprovados, na sessão de encerramento, diversos documentos de grande importância para o conjunto dos países da Zona, dos quais passamos a divulgar as partes mais importantes.

A Conferência examinou as dificuldades verificadas durante o exercício em curso, e felicitou o bureau presidido por François Bob, pela sua aplicação e competência, assim como todos os países membros, pela sua total adesão à obra de educação da Juventude.

A Conferência endereçou calorosas felicitações à Guiné-Bissau pelos importantes esforços desenvolvidos, ao assumir o cargo da organização da reunião da Comissão Técnica da 4.ª Conferência dos Ministros da Zona e da «Taça Amílcar Cabral» em futebol. Calorosas felicitações foram também endereçadas ao Horoya de Conakry por ter conquistado a Taça dos Vencedores das Taças; ao Hafía,

finalista da Taça dos Clubes Campeões, pelos seus brilhantes sucessos; à equipa nacional do Senegal, pela sua 3.ª vitória consecutiva nos campeonatos de África de basquetebol feminino; aos basquetebolistas e judocas do Senegal, pelos honrosos resultados obtidos nos III Jogos Africanos de Argel. Todas estas proezas foram alcançadas na época transacta.

Foi com saustação que se constatou que o organismo registou assinaláveis progressos, graças ao sincero desejo dos diferentes países membros de dar o melhor de si mesmos, para o desenvolvimento do Desporto na Zona. Contudo, não deixaram de se verificar certas deficiências que diminuiriam a eficácia do organismo, tais como a não realização de certas manifestações programadas, o não pagamento das quotas por parte de alguns países membros, a ausência de documentações em inglês e português, e a falta de recursos financeiros.

ADESAO DA SERRA LEOA À ZONA 2

No quadro dos problemas de ordem administrativos, a

4.ª Conferência decidiu manter a «Zona 2» com a sua composição actual com os seguintes países: Cabo Verde, Gâmbia, Guiné-Conakry, Guiné-Bissau, Mali, Mauritânia, Senegal. A questão de integração na Zona, da Serra Leoa, ficará suspensa até o momento que esta manifestar o seu desejo de adesão.

A República da Gâmbia foi escolhida para sede de uma reunião ordinária da Comissão Técnica, e de uma outra preparatória da 5.ª Conferência que terá lugar no Senegal, em 1980. Por conseguinte, a continuação do Senegal na presidência deve ser mantida até à próxima Conferência. Mas devem ser tomadas medidas, pelo Bureau da Zona, com vista a modificação do regulamento interno.

Devem ser realizadas reuniões de consultas, como no passado, com vista à harmonização dos pontos de vista a abordar nas instâncias africanas ou internacionais, particularmente com vista à 9.ª Assembleia Geral do CSDA prevista para Yaoundé, neste ano.

Telefones

Bombeiros Voluntários — 2222.
POLÍCIA; 1.ª Esquadra 3888 — 2.ª Esquadra — 3444.

Farmacias

HOJE — «FARMÁCIA CENTRAL» — Rua Vitorino Costa telefone 2453

AMANHÃ — «CENTRAL FARMEDI N.º 2» — Bairro de Belém, telefone 3437

Cinema

MATINÉ — «OH! MEUS AMIGOS» — Às 16,30 — M/13 anos

SOIRÉE «FLIC STORY» — Às 20,45 — M/18 anos

Irão: o Xá pressionado a sair do país

TEERÃO — Pressões cada vez mais fortes, vindas nomeadamente da parte dos seus aliados, estão a exercer-se sobre o xá do Irão, para o convencer a deixar, mesmo provisoriamente, o país, como uma das condições de sucesso do novo Primeiro-Ministro, Shapur Bakhtiar, cujo ministro da Defesa, recentemente nomeado, se demitiu na segunda-feira.

Para a oposição, «com ou sem o xá, Bakhtiar não poderá resolver os problemas que se colocam ao país» — como declarou numa conferência de imprensa o presidente da Frente Nacional, Karim Sanjabi. «Em nenhum caso» — disse, «Shapur Bakhtiar pode ser uma solução para a crise iraniana», acrescentando que «não há lugar no Irão para um governo constituído sem o acordo do ayatollah Khomeiny e da hierarquia religiosa chiita».

Parece que o exército e uma parte da alta burguesia iraniana utilizam a sua influência para obrigar o soberano a ficar. Por seu lado, o novo chefe de governo não pára de repetir que o xá aceitou deixar o Irão para «repousar» no estrangeiro, mas que será formado um conselho de regência durante a sua ausência.

A corte, entretanto, utiliza uma linguagem ambígua. O seu porta-voz, cada vez que é interrogado sobre a eventual partida do xá, refere que o soberano está cansado e pretende efectivamente descansar algum tempo no estrangeiro, mas que nenhuma data foi, «de momento», escolhida.

Para Bakhtiar, a partida do xá é uma condição necessária ao sucesso da sua missão, mas não constitui uma condição suficiente: o novo Primeiro-Ministro não conseguiu ainda a confiança popular, e tanto a hierarquia chiita como a Frente Nacional iraniana recusam estabelecer diálogo com o actual governo.

Na eventualidade da partida do xá, os observadores veem um perigo, que seria a possibilidade de um golpe de Estado militar. Os observadores concluem que, confrontado com esta situação inconfortável de Shapur Bakhtiar, o xá do Irão parece hesitar em precipitar as coisas com uma partida imediata para o estrangeiro. Resta saber se o exército tomará conta do poder, mesmo que o xá permaneça em Teerão.

Os mesmos observadores sublinham também a evidente mudança de posição dos Estados Unidos em relação ao xá, notando que esta evoluiu cada

vez mais em direcção das forças que vão surgindo na cena política iraniana. Os jornais americanos reconhecem este facto, enquanto os funcionários oficiais o negam, reconhecendo apenas que os Estados Unidos apoiariam mudanças no Irão que se registassem por uma via «normal e constitucional».

Com efeito, Washington acaba de tomar duas iniciativas muito importantes que testemunham a modificação da actual política americana de apoio sem reservas ao xá. Primeiramente, o governo deu instruções ao seu embaixador em Teerão para responder positivamente no caso do xá lhe pedir a sua opinião sobre a sua partida do Irão. Uma tal sugestão tinha sido até então sempre rejeitada por Washington.

A segunda iniciativa americana foi o envio ao Irão de Robert Huyser, comandante adjunto das forças americanas na Europa, a fim de «recomendar às forças militares do Irão que deem o seu apoio ao governo de Bakhtiar». Todavia, afirma-se em Washington que o segundo objectivo desta missão é impedir os militares iranianos de dar um golpe de Estado. — FP, Tanjug

Zimbabué

Exército de Smith recruta jovens africanos

SALISBÚRIA 10 — Cerca de 400 jovens africanos foram recrutados pelo exército racista da Rodésia e deviam chegar ontem à cidade de Bulawayo (sul do país) para efectuarem serviço militar de um ano. São os primeiros recrutados incorporados no exército rodésiano em virtude do plano do chamado «governo de transição», que pretende obrigar os jovens africanos a participar na repressão contra o movimento de libertação do Zimbabué.

Nas próximas semanas, cerca de um milhar de jovens de idade compreendida entre os 18 e 25 anos de idade serão incorporados, para serem em seguida distribuídos pelas forças de segurança e unidades punitivas. Os jovens são hostis a estas medidas, e muitos estudantes manifestaram o seu descontentamento.

Entretanto, o alto comando militar rodésiano deu conta de novas acções de guerrilha na cidade de Umtali, na fronteira este, onde as actividades

dos combatentes da liberdade se intensificou.

SOLIDARIEDADE COM O BOTSWANA

O secretário-geral da Organização da Unidade Africana (OUA), Edem Kodjo, reafirmou ontem a solidariedade de África para com o povo do Botswana, e condenou sem reservas os ataques rodésianos contra este país. «Estas violações de fronteiras são actos de homens violentos, defendendo uma causa desesperada» — declarou Kodjo, numa mensagem enviada ao presidente Seretse Khama.

Edem Kodjo, indicou que os ataques rodésianos eram uma indicação das pesadas perdas infligidas pelos movimentos de libertação e advertiu o Primeiro-Ministro rebelde, sublinhando que a sua atitude não permitirá nunca que se consiga uma verdadeira independência do Zimbabué e pediu aos países vizinhos para estarem sempre vigilantes face ao regime rebelde de Ian Smith. — (FP)

Chipre

Recomeço das conversações

NICÓSIA — O governo cipriota aceitou o recomeço imediato das conversações intercomunitárias com vista ao regulamento do problema de Chipre na base das propostas do secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, anunciou-se oficialmente na sexta-feira em Nicósia.

O conteúdo das propostas de Waldheim será publicado em Nicósia em

data a determinar pelo secretário-geral da ONU.

Esta informação seguiu-se a um encontro, ontem de manhã, entre o presidente da República de Chipre, Spyros Kyprianou, e o representante especial de Waldheim naquele país, Chalindo Pohl, do qual participou ainda o ministro cipriota dos Negócios Estrangeiros, Nicos Rolandis — (FP)

Acordo de cooperação Brasil-Nigéria

BRASÍLIA 10 — O Brasil e a Nigéria assinaram ontem, na capital brasileira um tratado de amizade e um acordo de cooperação económica, reforçando os laços entre os dois países — indicaram anteontem fontes oficiais em Brasília.

Estes documentos foram assinados no quadro da visita oficial ao Brasil do vice-presidente da Nigéria, general Shehu Musa Yaradua. Este último chegou domingo à noite e manteve conversações segunda-feira, com o presidente brasileiro, Ernesto Geisel, e com diversos ministros, entre eles o dos Negócios Estrangeiros António Azeredo da Silveira e o ministro das Minas e da Energia, Shigeaki Eki.

Os encontros permitiram aos dois países fazer um balanço das suas relações económicas e comerciais. A Nigéria é o primeiro parceiro comercial do Brasil na África Negra. As trocas entre os dois países progrediram nitidamente nos últimos anos passando de 12 milhões de dólares em 1974 a 21 milhões no decurso dos primeiros meses de 1978.

O Brasil deseja vender mais produtos agrícolas (seja, açúcar e manufacturas) à Nigéria e participar nos diversos projectos de desenvolvimento do país. Por seu lado a Nigéria deseja aumentar a venda do petróleo ao Brasil (actualmente 21 mil barris por dia).

Nicarágua

Oposição prepara greve geral

SAN JOSÉ 10 — Na véspera da greve geral que a oposição nicaraguense propõem-se a desencadear, destacamentos da Sandinista de Libertação Nacional intensificaram a sua ofensiva contra as posições das tropas do ditador Somoza, tendo conseguido uma série de operações em diferentes regiões da Nicarágua.

Combates foram também assinalados no norte do país, onde os patriotas mataram mais de uma centena de soldados do ditador.

Oito destacamentos da frente actuam com êxito no centro do país, onde aniquilaram uma unidade das tropas de Somoza e apoderaram-se de impor-

tantas quantidades de armas e munições. No sul, os destacamentos da Frente Sandinista travam combates enérgicos contra a Guarda Nacional. Os guerrilheiros ocuparam posições chaves nas montanhas e controlam um vasto território entre a Nicarágua e a costa do Pacífico. (Tass)

Relações sino-moçambicanas

MAPUTO 10 — O vice-Primeiro Ministro chinês, Li Xian-Nian continua a sua visita oficial a Moçambique, tendo estado ontem numa quinta de Estado na interior, depois de ter tido anteontem em Maputo as suas primeiras conversações oficiais com o governo moçambicano.

Durante estas conversações, o chefe da delegação moçambicana, o ministro do Plano, Marcelino dos Santos, declarou que a visita do vice-

Primeiro Ministro chinês era importante a fim de racionalizar os esforços para a edificação do socialismo.

Ontem a tarde, o dirigente chinês esteve numa fábrica de Maputo onde discursou perante os trabalhadores. Li Xian-Nian declarou que a China apoia Moçambique na defesa da sua soberania nacional, e rendeu homenagem aos sacrifícios do povo moçambicano face às agressões rodésianas. (FP)

África do Sul 67º aniversário do ANC

DAR-ES-SALAM 9 — Uma centena de membros do ANC (Congresso Nacional Africano) da África do Sul trabalharam na construção da sua escola em Morogoro, situado a cerca de 200 quilómetros da capital tanzaniana, para comemorar o 67º aniversário da fundação do movimento.

A escola deve dar aos membros do ANC e a outros sul-africanos um ensino técnico e treino militar. Reddy Mazimba, representante do ANC, assegurou aos trabalhadores que conseguirão a liberdade, apesar das táticas do imperialismo.

Indicou que a escola formará futuros quadros para o país e permanecerá como monumento da amizade entre a Tanzânia e o ANC. Agradeceu por outro lado a Tanzânia por ter oferecido uma vasta porção de terreno para a construção desta escola. (FP)

4. CONFERÊNCIA SINDICAL AFRICANA

DAR-ES-SALAM — A quarta conferência da Organização da Unidade Sindical Africana (OUSA) começou ontem em Arusha (norte da Tanzânia). Cerca de 200 delegados de países africanos, assim como observadores da Europa, da Ásia e da América Latina, participam na conferência. Também vai decorrer em Arusha, no dia 18, uma conferência de solidariedade com os trabalhadores e povos do sul da África. — (Tass)

NKOMO NA CECOSLOVÁQUIA

PRAGA — Uma delegação da União do Povo Africano do Zimbabué (ZAPU) dirigida pelo seu presidente Joshua Nkomo, encontra-se desde ontem na capital checoslovaca a convite do comité central do Partido Comunista da Checoslováquia e do Comité Checoslovaco de Solidariedade com os Povos de África e da Ásia — (Tass)

PETROLEIRO PARA O MADAGÁSCAR

ANTANANARIVO — O «Tsimiroro», o maior petroleiro malgache (6.200 toneladas) acaba de ser lançado à água no Madagáscar. O navio destina-se a assegurar o abastecimento regular de hidrocarbonetos às principais cidades portuárias malgaches. O navio tem o nome de uma região do Madagáscar onde estão em curso intensos trabalhos de prospecção petrolífera, e pertence à «Solima», corporação petrolífera do Estado — (Tass)

ENCONTRO HASSAN II — SIMON AKE

MARRAQUECHE — O ministro marfinense dos Negócios Estrangeiros, Simon Ake, foi recebido anteontem na cidade pelo rei Hassan II, quem transmitiu uma mensagem do presidente Houphouët da Costa do Marfim. Nenhuma indicação foi dada sobre o conteúdo desta mensagem que trataria, segundo fontes em Rabat, da evolução da situação no noroeste africano — (FP)

COOPERAÇÃO EURO-ARABICA

CAIRO — Um centro europeu-árabe para a transferência de tecnologia ocidental para os países árabes será criado brevemente, indicou o diário egípcio «Al Ahrâm». Na sequência das conversações que tiveram recentemente lugar no Comité Geral do diálogo europeu-árabe, este centro de tecnologia será estabelecido nas cidades do mundo árabe que dispunha de meios viáveis de telecomunicações e uma rede de transporte aéreo desenvolvida. — (FP)

COMÉRCIO NO GOLFO ARABE

RIAD — Os ministros do Comércio dos países do Golfo Árabe decidiram aumentar o volume das trocas comerciais entre os países da região, final de uma conferência sobre o comércio realizada em Arábia Saudita. Decidiram também estudar os casos de companhias estrangeiras que impõem preços exagerados aos seus produtos a fim de tomar medidas preventivas.

Continua a greve dos ferroviários

RABAT, 10 — Os dez mil ferroviários marroquinos decidiram ontem prolongar para mais 48 horas a greve que haviam desencadeado há uma semana.

Esta greve é totalmente seguida pelos empregados dos caminhos de ferro que reclamam um ajustamento de 15 por cento dos seus salários e uma revisão do sistema de avanço da sua carreira. O

tráfego está inteiramente paralizado em toda a rede ferroviária marroquina.

Segundo fontes seguras, a direcção ofereceu aos ferroviários um aumento de três por cento que os sindicatos rejeitaram, sublinhando que por ocasião de um acordo concluído há sete meses entre as duas partes, o princípio de um aumento de 15 por cento tinha sido aceite. — (FP)

Delegação da UNTG na Argélia

A Guiné-Bissau será representada no seminário de inspecção de trabalho a iniciar a partir do dia 15, em Argel, pelas camaradas Víctor Teixeira, membro da Comissão Regional da UNTG, João Fali Baldé e Lucinda Saad Pires, ambos do Instituto do Trabalho.

O seminário, promovido

do pela Organização Árabe de Trabalho, terá duração de 15 dias e servirá de estágio para os nossos participantes, enquadrados em secções de trabalho das duas instituições. O delegado da UNTG partiu na terça-feira passada e os do Instituto de Trabalho irmão depois de amanhã, sábado.

Vasco Cabral no Vietname

Seguiu para Vietname, desde terça-feira passada, o camarada Vasco Cabral, Comissário de Estado do Desenvolvimento Económico e Plano, a fim de participar na reunião da OSPAA — Organização de Solidariedade dos Países da África e Ásia — da qual é Vice-Presidente.

O dirigente guineense, acompanhado do camarada Pio Correia director da Petrominas, e Nhama da Costa, técnico agrícola, avistar-se-á ainda com entidades governamentais daquele país sobre as perspectivas que se abriram à cooperação bilateral,

com a visita efectuada ao nosso país, em Setembro do ano passado, pelo Vice-Presidente vietnamita, Nguyen Huu Tho.

A agricultura parece ser o domínio que as nossas autoridades pretendem privilegiar no âmbito dessa cooperação. Espera-se que um acordo, nesse domínio seja assinada pelo camarada Vasco Cabral, em Hanói.

A visita terá, por outro lado, um carácter partidário, segundo informação dada pelo próprio, no sentido de intensificar as relações existentes entre o PAIGC e o Partido Comunista do Vietname.

Camarada Luiz Cabral

(Continuação das Centrais)

as suas exportações para não beneficiar dele. Isto prova, como eu dizia há boçado, que em 1977 fizemos progressos consideráveis no domínio das nossas exportações.

P. — As negociações para a próxima Convenção devem iniciar-se em fins de Julho, em Bruxelas, de modo formal e, em seguida, arrancar realmente no mês de Setembro. Deseja acentuar um ou mais pontos particulares para melhorar a actual convenção ou conta

também fazer sugestões em novos domínios?

— Há sempre correcções a fazer. A Convenção deve evoluir, pode aperfeiçoar-se. Deve aperfeiçoar-se e adaptar-se a cada etapa. Os negociadores devem trabalhar para melhorar a Convenção e adaptá-la cada vez mais à procura de uma nova ordem económica internacional que constitui o desejo de todos os países em vias de desenvolvimento.

(Declarações recolhidas por Alain Lacroix)

BAD reúne hoje com 23 países não-africanos

ABIDJAN 10 — A terceira reunião multilateral que agrupa representantes do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) e de 23 países da Europa, da América, da Ásia e do Médio-Oriente, interessados na aquisição de uma parte do capital-acções do banco, começa hoje na capital marfinense.

A última sessão de negociações realiza-se amanhã. A reunião de Abidjan segue-se as de Washington e de Rabat do ano passado, sobre as possibilidades de acordo a res-

peito da participação de países extra-africanos nas operações da BAD conforme as decisões tomadas em Libreville pelo Conselho de Governadores do Banco Africano.

Lembra-se que o conselho declarou-se favorável à abertura do capital da BAD a subscrição prove-

nientes de países capitalistas não-africanos, com a tripla condição de que o carácter africano do banco seja mantido, que a sua sede permaneça em África (está instalada em Abidjan) e que os seus principais responsáveis sejam africanos. — (FP)

Resistência Palestiniana e o sul do Líbano

BEIRUTE 10 — A Resistência Palestiniana não levantará nenhum obstáculo à vinda do exército libanês ao sul do Líbano, declarou ontem Mahmoud Labadi, responsável do departamento das relações exteriores da Organização de Libertação da Palestina (OLP).

«O exército libanês é sempre bem-vindo ao sul» — acrescentou sublinhando que «nunca nos opusemos à sua presença».

«Esperamos que o exército libanês impeça as forças falangistas de aumentar as posições sob o seu controle e que ponham mesmo termo a sua presença artificial apoiada por Israel», afirmou a concluir. (FP)

Reunião da CEDEAO na Nigéria

LAGOS 10 — Os responsáveis dos países membros da Comunidade Económica dos Estados de África Ocidental (CEDEAO) começam hoje na capital nigeriana uma série de encontros consagrados à proposta relativa à livre circulação de pessoas e de bens no interior da comunidade. (FP)

Julgamento

(Continuação na página 2)

tra a segurança do Estado.

Esses elementos estavam ligados a um grupo que se encontra radicado no estrangeiro, composto por inimigos do nosso povo, antigos agentes da PIDE ao serviço do colonialismo português.

Cambodja: Cronologia dos acontecimentos

BANGUECOQUE, 8 — São as seguintes as datas mais relevantes da história recente do Cambodja:

1951 — O príncipe Norodon Sihanuk ascende ao trono de Cambodja.

1953 — O Cambodja obtem a independência da França.

1963 — O país rejeita a ajuda dos Estados- Unidos e Sihanuk estabelece contactos com os países comunistas, tentando manter o Cambodja fora dos crescentes problemas que apodentam a Indochina.

18 de Março de 1970 — Sihanuk é deposto por um golpe de estado direitista, começando o período guerra entre o governo Pnom Penh, apoiado pelos Estados- Unidos, e os patriotas cambodjanos (os Quemeres Vermelhos), a juda s por Vietname do Norte e pelo Vitenong.

Abril, 1970 — Os exércitos norte-americano e sul-vietnamita invadem o Cambodja. Mais tarde, as tropas norte-americanas retiram-se devido à força das manifestações contra a guerra realizadas nos E. U. A.

9-10-1970 — Proclamação da República.

4-6-1972 — Em plena guerra, o marechal Lon Nol ascende à presidência da República.

15-8-1973 — Os tribunais norte-americanos ordenam que as tropas dos E.U.A. ponham fim a campanha

de bombardeamentos maciços em apoio ao governo de Cambodja.

17-4-1975 — Os Quemeres Vermelhos conquistam Pnom Penh, forçando, em seguida, as populações civis a emigram para o campo, segundo um programa revolucionário radical.

9-9-1975 — Sihanuk regressa a Pnom Penh, depois de, durante a guerra, chefia um governo no exílio, em Pequim.

5-1-1976 — É anunciada uma nova Constituição para o Cam-puchee Democrática, novo nome de Cambodja, que promete uma sociedade sem classes.

2-4-1976 — Sihanuk demite-se do cargo de chefe de Estado, desaparecendo da cena pública. Pol Pot é Primeiro Ministro, Khieu Sampham, presidente, e Ieng Sary, vice-primeiro ministro, no novo governo formado.

Janeiro, 1978 — Uma feroz guerra de fronteiras entre o Cambodja e o Vietname é tornada pública.

3-12-1978 — É anunciada a existência de «Frente de Unidade Nacional Kampuchea de Salvação Nacional» com o fim de derrubar o governo Central.

6-1-1979 — Sihanuk parte para Pequim. 7-1-1979 — F.U.S. N.C. anuncia que a suas forças tomaram

Pnom Penh.

8-1-1979 — A frente forma um Conselho Revolucionário do Povo. (Anop)

LA PAZ 11 — Uma conspiração foi descoberta na Bolívia, e os seus organizadores foram presos pelos órgãos competentes. Raul Lopez Laton, ministro do Interior declarou em La Paz que os conspiradores tinham por objectivo impedir o retorno do país às formas constitucionais de governo realizado pelo governo das forças armadas. As organizações democráticas e progressistas da Bolívia protestaram energicamente contra as tentativas da reacção de comprometer a aplicação dos projectos de reorganização democrática no país. (Tass)

ESPIÕES PRESOS EM MOÇAMBIQUE

MAPUTO 11 — Três homens que participaram em operações lançadas contra Moçambique pelo regime ilegal da Rodésia foram presos pelas forças de defesa e de segurança moçambicanas e foram apresentados aos jornalistas. Dois dos prisioneiros são originários de Moçambique e o terceiro do Zimbabwé. Os três homens confessaram que foram treinados e pagos pelo regime sul-africano para executar operações de espionagem e ataques terroristas em Moçambique. Eles participaram em vários ataques contra aldeias fronteiriças. (Tass)

ETIÓPIA DENUNCIA MANOBRAS NO INDIO

ADDIS ABEBA 10 — A Etiópia qualificou ontem de «grave ameaça para a estabilidade regional» as manobras militares no oceano Indico, que representam uma «ingrência imperialista crescente nos assuntos internos do Irão». Uma porta-voz do ministério etíope dos Negócios Estrangeiros afirmou que «as crescentes actividades da sétima frota americana no oceano Indico e no golfo Pérsico, que são uma manifestação de recentes manobras diplomáticas e políticas de certos países ocidentais, de acordo com a reacção internacional, constituem uma grave ameaça para a estabilidade regional e para a paz e a segurança internacional». (FP)